

# O Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

23 de Outubro de 1999 • Ano LVI - N.º 1451  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



## Tu és pai

*Tu és padre tu és pai  
És pai de muitos filhos  
Tardaste mas arrecadaste  
A seguir o teu caminho  
Foi Deus Pai que te indicou  
Para construíres o teu ninho  
É isso a Obra da Rua  
Com a tua dedicação sem igual  
Teu esforço tua vitória  
Tua heroicidade imortal  
No caminho da glória.*

*Pai Américo de Aguiar  
Tua memória tua saudade  
Jamais alguém pode esquecer  
Por todos muito te amarmos  
Nós que tu velas de longe  
Qual pastor tão dedicado  
Próximo do Pai Eterno  
Que te escolheu e chamou  
Para a tua Obra destinado  
E não há quem tanto amou  
O Gaiato abandonado.*

Teu filho,

ALBERTO

**N. da R.** — O autor do poema foi o primeiro chefe-maioral do Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios, fundado por Pai Américo em Coimbra, e, depois, entregue, ainda em vida, ao Ministério da Justiça na década de 50. Curiosamente, no dia d'hoje, a 23 de Outubro de 1887, Pai Américo nasceu à uma hora da noite, na Casa do Bairro, freguesia do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, sendo o último de oito irmãos, filho de Teresa Ferreira Rodrigues e Ramiro Monteiro de Aguiar. A 4 de Novembro foi baptizado com o nome de Américo, na igreja paroquial de Galegos, e dado esse nome em homenagem ao Cardeal D. Américo, Bispo do Porto.

## MALANJE

# Fugitivos da guerra

18/9/99

**L**OGO que cheguei, fiquei impressionado com as centenas de palhotas: Desde a nossa Aldeia, numa extensão de quatro quilómetros, à beira da estrada Malanje/Luanda, estende-se a cidade dos refugiados. Palhotas de paus e capim. Fugitivos da guerra...

Funciona já uma «cozinha» patrocinada pela Caritas, onde

os nossos rapazes escuteiros e as Irmãs Mercedárias que estão connosco, dão uma ajuda.

É nesta «cozinha» e noutras de vários bairros — setenta em toda a cidade — que vamos utilizar o leite que oferecetes. Se todos os meses mandares um pouco para as nossas Casas do Gaiato — o leite branco cantará hinos nas canecas e pratos gretados.

(...) Não falemos mais da guerra, das minas traiçoeiras,

dos inocentes e dos culpados, das riquezas desta terra e da fome deste povo...

Vamos, sim, dar um novo sentido à vida; tornar o terreno propício a uma nova mentalidade; e, pelo amor, propagar o sinal mais da paz.

20/9/99

«**C**OZINHAS» são locais, geralmente quintais grandes e

murados, onde um grupo de senhoras, pagas pela Caritas ou outras organizações, confeccionam as refeições que ali mesmo são distribuídas às crianças e às pessoas idosas.

Soube, hoje, que mais uma, dos serviços sociais, começou a funcionar na cidade dos refugiados e, também, que as ONG (organizações não governamentais), estão distribuindo milho e óleo alimentar. Graças a Deus!

Ficou este nosso bairro, como no romance, um bairro degradado de Calcutá — a «cidade da alegria». Mas alguém, em Malanje, interpelou-me: «Como está o 'bairro da morte'?» Tocam-se os extremos.

Padre Telmo

## CALVÁRIO

# Purificação

**O** nosso portão aberto vai deixando entrar visitantes que logo deparam com árvores frondosas, envolvendo o cruzeiro granítico, sereno, no tapete de relva.

Alguns vêm por casualidade e ficam-se pelo superficial. Observam as construções, contemplam a natureza, a quinta. Repararam em pessoas limitadas e desandam.

Outros entram por curiosidade e debruçam-se sobre os doentes, mas não passam da compaixão e retiram-se em lamentações pelo que encontraram.

Muitos, porém, deslocam-se até aqui para conhecer bem estes doentes e mostram-se interessados sobre quem são, o que fazem, o que sentem, o que esperam. Alguns deixam-se cativar e passam a ser amigos e visita frequente.

É assim com este senhor Engenheiro. Ele não vem por casualidade nem curiosidade. Vem porque tinha de vir, pois já conhecia estes doentes pela leitura de *O Gaiato*.

Está à frente duma das maiores empresas nacionais. A vida corre-lhe bem no lar e no trabalho.

Um dia, resolve conhecer-nos. E aqui está. Ao chegar segreda-me que deseja conhecer todos os doentes, olhá-los de perto e, se possível, dirigir uma palavra a cada um. Mais: gostava de os tocar para sentir o calor que deles imana.

É um homem de fé. Não vem por compaixão, mas na maior simplicidade irmanar-se com cada um.

Acompanho-o e fico amigo dele, pois ele o é dos que aqui temos.

Vem por devoção, é certo, mas também para aprender a lição de quem é doente e não cultiva a doença nem parece sofrer com ela.

Regressa cheio de muitas emoções que vai transformar em alimento saudável para o seu viver e sofrer.



Calvário — O cruzeiro granítico, sereno, no tapete de relva.

Também ele cai doente com uma paralisia progressiva. Onde todos vêem uma desgraça, ele descobre o amor de Deus que o deseja purificar e despojar de tudo quanto é acessório e transitório na vida, à maneira de Cristo.

Tal como estes doentes, que passou a conhecer, fica sem perspectivas de cura.

Deus é seu amigo, na verdade, pois o quer livre de tudo quanto possui, das capacidades físicas de que dispõe, para que só reste o essencial — o amor.

— *Aprendi isto com os vossos doentes* — confirma-me um dia já na fase adiantada da doença.

Onde todos vêem desgraça, aniquilamento, ele descortina a riqueza do fundamental na vida e que ninguém lhe pode roubar.

A purificação do homem passa pelo despojamento. Deus quer-nos livres e puros e a doença é sempre redentora para quem anda atento. O amor cresce nessas alturas naquele que sofre. E nada impede que ele suba ao infinito. Deus é amor e só quer que o homem regresse ao Seu amor.

Esta é a verdadeira descoberta a fazer no sofrimento. O Evangelho dá-nos a resposta para tal e feliz de quem o sabe ler, interpretar e aceitar.

Padre Baptista

# África

**A**INDA em maré alta a exuberância mediática acerca de Timor, em que o oportunismo costumeiro nas catástrofes aproveitou em cheio a oportunidade, auscultando-se já no senso comum (que felizmente permanece no Povo desencantado dos poderes) a contestação da ligeireza com que se passa ao silêncio de desgraças estabelecidas em prol de outras em hora de ponta de uma tragédia igualmente estabelecida.

Na verdade, Timor e Angola enfermam do mesmo mal. Contraíram-no ao mesmo tempo pelo abandono desajeitado em que os deixou uma política absurda (insipientemente?... desvergonhadamente?... denominada de «descolonização exemplar»). Começou então a estabelecer-se o mal que tem martirizado os seus Povos, que em vinte e cinco

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**OBRAS** — Estamos a equipar de quartos de banho as moradias dos nossos Pobres. Integrando, nas obras em curso, uma fossa adequada por falta de saneamento básico, que ainda demorará anos — mau grado os milhões da U.E....

Os trabalhadores têm agora em mãos o prédio ocupado por uma viúva, na encosta dum monte onde se topa uma bela paisagem do Vale do Sousa. E em cuja obra aumentámos, um pouco mais, a área da casita... Naquele tempo, Pai Américo aceitava pequeninos nacos de terreno para o Património dos Pobres, desde que chegasse para a implantação de um ou dois quartos, sala, cozinha e pequenina retrete.

No caso vertente, na área do prédio encaixámos ainda uma despensa, um galinheiro e um pequenino coberto para cavaços da lareira.

A reparação, pintura e caiação do imóvel ficará por algumas centenas de contos...

Muito perto há uma outra moradia que faz parte do grupo de catorze que Pai Américo construiu, aqui, a partir de 1951, quando do lançamento do Património dos Pobres. Estremeceu, desse modo, o coração dos portugueses e motivou o levantamento de mais de 3.000 casas em todo o País, para além de servir de norte a muita gente que ficou a conhecer a miséria imerecida de tantos Pobres...!

Por fim, a utente da moradia expressa-nos uma enorme satisfação por ter a graça de receber tão grande benefício. Até os olhos riem...!

**PARTILHA** — Oito mil, da Lili, Carvalhosa (Santo Tirso), que por aqui passa todos os anos.

O contributo habitual da assinante 31104, de Lisboa: «Neste mês a remessa vai muito atrasada, mas só agora pôde ser». Chegou na hora certa!

Setúbal: «Avó dos cinco netinhos» presente com o cheque de Setembro, expressando o seu «carinho e amizade».

A assinante 7769, do Porto, com quarenta mil, destinados «à compra de medicamentos para os doentes mais necessitados da Conferência, lembrando um problema de saúde que tenho neste momento». Boas melhoras.

Outro cheque, agora duma assinante residente na Rua Júlio Dinis, Porto, sublinhando «que não é preciso agradecer». Entretanto, manda um outro, do mês em curso.

Bustelo (Oliveira de Azeméis): «Uma pequenina lembrança» da assinante 50939, «para o que for mais necessário». Fica em dia, a assinatura d'O GAIATO.

Dez mil, da assinante 63861, de Carvalhos, outra «pequenina lembrança para usarem naquilo que entenderem. O vosso Jornal O GAIATO é sempre como que

uma lufada de ar fresco que entra em nossa casa». Demos graças a Deus.

Juncal (Porto de Mós): a filha da assinante 47307 «envia, mais uma vez, um cheque de dez mil escudos que se destina à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e será aplicado em algumas das grandes necessidades que tendes em mãos. Venho fazê-lo em nome de minha mãe. É uma pequenina 'migalha' que ela quer oferecer». A carta traz um pensamento de G. Montini: «A sociedade tecnológica conseguiu multiplicar as ocasiões de prazer, mas não as de Alegria».

De «uma Assinante de Paço de Arcos», trinta mil, «partilha de Julho/Agosto 99».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**VINDIMA** — Acabámos a nossa vindima, que foi melhor do que a do ano passado. Houve muito vinho branco e tinto!

**HORTA** — Estamos também contentes porque houve muita batata, cebola, alface, pimentos, pepinos, etc. A nossa horta é sempre um mimo! E dá o suficiente para mantermos 170 bocas, ou mais.

**CATEQUESE** — Já começou, no dia 6 de Outubro. Andamos a aprender coisas novas, para nós... que falamos de Deus. A gente, por lá, não tínhamos nada disto, que é tão bom para a nossa vida presente e futura.

**VISITANTES** — Muitos amigos, de todo o País, vêm cá visitar a nossa Casa do Gaiato assiduamente. Foi sempre assim desde a fundação da Obra da Rua.

E trazem ofertas: roupa, sapatos, brinquedos, etc. Outros, ainda, põem em dia a assinatura do nosso Jornal O GAIATO.

**MUDANÇAS** — Os nossos companheiros mudaram, agora, de serviço. Estão mais contentes num trabalho novo, onde ocupam parte das suas horas depois das aulas.

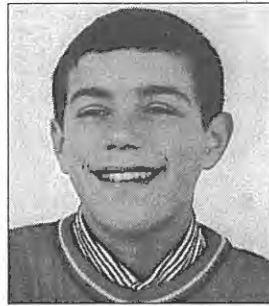
**DOENTES** — Temos duas camaratas cheias de doentes com papeira. E cada uma delas tem nove deles. Tudo isso obriga a um certo cuidado...

**ESCOLAS** — Estão todas a correr bem. A malta deseja passar de classe, na Primária e na Telescola. Assim, como terem uns passeiozitos, organizados por cada uma das Escolas. Enfim, os que estudam têm muito já com que se entreter...

Filipe David

## RETALHOS DE VIDA

### David



Sou o Filipe David da Costa Pires. Tenho catorze anos, pois nasci em 7 de Junho de 1984, no Hospital de Felgueiras.

Fui acolhido na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 2 de Janeiro de 1999. E vim, para esta Casa, porque não tinha amigos.

Vivia numa habitação muito pobre, com os meus avós. Como eram velhinhos e eu chegava a casa de madrugada..., ralhavam comigo e com toda a razão.

Aqui, na Casa do Gaiato, da parte de manhã, ajudo no refeitório; à noite frequento o 5.º e 6.º anos em Ensino Recorrente.

Gosto de estar por cá. A nossa Aldeia é muito linda, muito saudável, e todos são meus amigos.

Quando for grande quero ser Bombeiro para ajudar as pessoas em acidentes nas estradas e no combate aos incêndios.

Filipe Pires

## MIRANDA DO CORVO

**PROFISSÃO DE FÉ** — Os rapazes tiveram um encontro com os missionários Combianos, dia 9 de Outubro, a fim de se prepararem para a Profissão de Fé.

Foi um dia muito importante. No entanto, os rapazes e os missionários divertiram-se muito. Mas, houve tempo para falarem da Vida de Jesus, nosso Senhor, para terem a noção do que vão fazer.

**GADO** — As porcas que estavam prenhas já deram à luz.

Agora, os rapazes do gado têm de cuidar muito bem das crias e das porcas para que não lhes aconteça nada de mal.

Ultimamente, uma vaca tem estado doente. Depois de tomar o remédio, o moço vai dar umas voltas com ela para melhorar.

**MILHO** — O que foi plantado na terra dos grilos já foi apanhado.

Enquanto os mais velhos estavam a apanhar o milho, os mais novos e também os

«Batatinhas» dedicaram-se a descamizá-lo. Um trabalho diferente para os mais pequenos. Gostaram muito dele.

Por fim, o cereal já foi escolhido. Há um rapaz que todos os dias de manhã tira o panal e, à noite, volta a pô-lo no mesmo sítio.

João «Pequeno»

## O tambor!

A vida bate com amor  
Ao som do tambor!  
Mas... este tempo  
Sem horizontes,  
Nunca mais passa.

A vida bate com amor  
Ao ritmo do tambor!  
Mas... a corrida  
Ao armamento,  
Ébria de maldade,  
Nunca mais pára.

A vida bate com amor  
Ao som do tambor!  
Mas... a guerra  
Que destrói aldeias,  
Vilas e cidades,  
Nunca mais cessa.

Manuel Amândio

## TRIBUNA DE COIMBRA

# O cenário escolar domina a vida da nossa Casa

**A**S grandes horas do dia são ocupadas pela actividade escolar. É um tempo oportuno e único que não pode ser desperdiçado. Recordamo-lo muitas vezes aos nossos e não nos poupamos a esforços por os acompanhar nesta tarefa.

Muitos, dos nossos, iniciaram na Casa do Gaiato a sua vida escolar, com anos de atraso porque quando andavam por lá ninguém se incomodava ou, quando muito, uma ou outra professora mais atenta acabava sempre por despertar diante da incúria do meio familiar do garoto. Casos há de longos períodos de absentismo ou de mudanças frequentes de residência que conduziram à perda de anos consecutivos, gerando instabilidade emocional e desmotivação.

Tarefa nada fácil, recompor a estabilidade e disciplinar a vontade de miúdos afeitos ao deus-dará.

O nosso Lar, em Coimbra, continua a ser um espaço físico muito propício ao estudo. Ali residem os nossos rapazes que têm uma escolaridade mais ou menos regular do 5.º ao 11.º ano. Frequentam a Cooperativa de Ensino de Coimbra, a Martim de Freitas e o José Falcão. São cerca de 30 rapazes. A nossa Escola, de Miranda do Corvo, tem 40 do 1.º ao 4.º ano. Um grupo de 15 frequenta, na C+S da Vila, um currículo alternativo de 2.º ciclo. Mais alguns continuam a fazer formação profissional.

Estamos num tempo de tantas facilidades e apoios! Parece-nos nem sempre condizentes aos resultados obtidos em termos de aprendizagem e aquisição de conhecimentos. Isto é um facto generalizado. Claro, nos nossos, portadores de grandes condicionantes desde a sua infância, este facto torna-se mais visível.

Apreeci o optimismo e teimosia com que certa psicóloga — por meios técnicos e científicos, inquéritos, entrevistas, etc., feitos a diferentes grupos de miúdos institucionalizados — procurou demonstrar, para uma tese de mestrado, que nem sempre os miúdos mais «batidos» pela vida são medíocres, tanto em termos de aprendizagem como escolares. A descoberta não é seguramente nova. Afirmá-lo no universo filosófico de hoje é que pode ser controverso.

Há um pequeno grupo dos nossos que atesta a veracidade da tese. Mas a maioria pede-nos muita persistência, paciência e acompanhamento. Pedimos isso, também, aos professores e, sobretudo, ao Espírito de Sabedoria do Alto.

Padre João



Eles estão felizes, no local onde nasceram as Casas do Gaiato — Miranda do Corvo.



Casa de uma família com a mãe doente. Os filhos, do casal, participam da sua alegria...

### PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Ainda há Heróis na sociedade do nosso tempo

A PRIMEIRA vez que por ali passámos, ficámos abismados com a situação daquela família a construir a sua habitação. Já há anos tinham começado as obras, mas tiveram de parar.

São sete filhos menores e alguns com deficiências. O pai é de pouca iniciativa e a mãe muito activa, mas doente. Passa muitos perío-

dos internada no hospital.

Decorrido algum tempo, voltámos a passar e encontramos tudo na mesma. Ela estava presente e animámo-la a recomençar as obras e, ao menos, telhar o prédio. Para isso, deixámos a nossa ajuda.

Agora, voltámos. O telhado está pronto, mas falta muita coisa. Chamámos, e, muito a custo e embrulhada,

apareceu a mãe. Conta parte da história da sua vida. Ainda ontem tinha vindo do hospital e mal podia andar. Sofre de reumatismo agudo. Os dedos das mãos vêm-se tolhidos. Conta como a casa foi feita, com o suor do seu trabalho. Como fez o poço para terem água. Os alicerces para as colunas de cimento. A serventia de todo o material para

a construção. Por suas mãos, construiu as paredes a dividir o rés-do-chão onde ainda vivem. A costura que era o seu trabalho preferido, ficava para depois dos trolhas despegarem do trabalho e, só depois, entrava pela noite dentro: — *Ao fim do mês é uma ajudinha que vem.*

FICAMOS admirados com esta mulher-mãe, com a sua heroicidade. Apesar da doença que a vai mirrando, procura aceitar a vida com alegria: — *Se pudesse trabalhar, a minha casinha já estaria pronta e não assim!* Estão a viver no rés-do-chão, sem condições, e o quarto de banho fora de casa. Não pode contar muito com o marido. Espera melhorar e agarrar-se novamente à vida.

DEPOIS de a ouvirmos e diante daquele quadro familiar fizemos a nossa promessa: ajudá-la a colocar portas e janelas, a preparar o primeiro andar para o habitemos e cada um ter o seu lugar em casa dos pais.

O seu olhar e semblante tornaram-se sorridentes de esperança. Alguns filhos que a rodeavam, começaram a participar da alegria da mãe. E nós também, contentes e com a consciência mais tranquila pela solução dum problema que já há muito se vinha arrastando.

PREOCUPAMO-NOS sempre quando ajudamos a começar uma obra e, depois, nunca chegamos a vê-la acabada.

No nosso contacto com a habitação dos Pobres, somos testemunhas de muitos

casais heróicos que gastam as suas horas, os seus dias, e, por vezes, os seus anos — vidas tantas vezes a exigir repouso! — na construção de suas moradias para a família habitar. Fizeram maravilhas com o suor de seus rostos. Pediram ajuda a amigos, abonos de familia-

res. Pouparam em tudo o que lhes foi possível. Só depois se sentem realizados.

Também nos acompanha e carrega a incúria de muitos. Habitaram-se a viver em tugúrios e nunca se esforçaram por sair deles.

Padre Horácio

## DOCTRINA

*Nós somos médico das almas; temos a missão de evangelizar os Pobres.*



OS Pobres tudo merecem, pelas lições que nos dão. Ora escuta: É na cidade de Coimbra, junto da Sé Velha, em uma casa de muitos pisos, cozinha comum, cada família seu quarto. Bati. Não estava. Acode a vizinhança a implorar que não abandone eu os ausentes pela sua grande necessidade. Esta é a primeira lição: generosidade heróica.

**À** noitinha, vem agradecer a visita a pessoa que eu procurava. É uma tricana de Coimbra, nada e criada na Baixa, mãe de filhos com seu marido inválido. Só ela trabalha. O suor do seu rosto é o pão amargo que todos comem em casa. Sentou-se ao pé de mim a desfiar amarguras: — *Casei tão nova, bom Padre, para sofrer tantos trabalhos.*

NÓS somos médico das almas; temos a missão de evangelizar os Pobres. O dever obriga-nos à sentinela e a graça de estado dá-nos a palavra de conforto que no momento importa dizer. Conversámos por algum tempo: — *Sabe?, venho aqui envergonhada sem meias nos pés e quero pedir-lhe que me ajude a comprar um par.* — Ó rapariga! Mas tu andas precisamente na moda. — *Eu quero andar à minha moda, bom Padre.* Esta é a segunda lição: pudor dos cristãos velhos! A vergonha é a prima direita da Humildade. A nobreza de costumes anda fugida do mundo e foi-se aninhar à porta dos humildes! Terias desculpa se não ouvisses estas lições. Assim, culpada porque as ouves, morres nos escombros da derrocada com as pernas à vela!

**E**STA semana não consta haver entrado quaisquer somas de dinheiro ou coisas nos lugares do costume, mas nem por isso desanimo. Tive, em compensação, uma esmola nas ruas do Porto de alguém que passa e mete atrevidamente as suas dentro das minhas mãos, sem dizer como se chama. Não há qualificativo para esta maneira de dar. Eu que já ganhei equilíbrio nos êxitos e nos fiascos, fico sempre alvoroçado diante de esmolas assim e levo muito alto qualquer soma que me dão. Elas são a marca divina; transfusão de sangue da Cruz nas Obras apaixonadas da Cruz.

TIVE, também, cartas a pedir lugares para vadios das ruas: da Régua, de Abrantes, da Sertã, de Tomar e de Oliveira de Azeméis — outro sinal do valor da Obra da Rua. Tive a presença de um pequenino larápio saído da cadeia de Vila Nova de Gaia, a dar hoje serventia nas obras da nossa Casa. E tive, finalmente, uma carta do punho de três pequenos do Porto a dizer: «Somos três rapazes. Estivemos presos na Casa dos Pobres. Ouvimos falar na Casa do Gaiato. Queremos trabalhar. Manuel, Ermínio, Ernani». Voz de filhos perdidos, a chamar pela mãe! Um senhor do Porto foi a Paço de Sousa, de propósito, levar uma pedra para a Obra da Rua dentro de uma nota de mil escudos; e um outro senhor levou uma pedra mais pequenina embrulhada numa de cem. E tu, que fazes?!

*P. Horácio. 5.!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

### Um Retiro para os rapazes

A seguir às férias grandes das Escolas é minha preocupação organizar uns dias de Retiro para os rapazes. À medida que o materialismo invade de forma quase avassaladora o coração deles, torna-se mais evidente o que a experiência pedagógica do Padre Américo ditou e escreveu: «*A vida espiritual é o centro.*»

Sem ela muito pouco se pode fazer dos nossos jovens. O Retiro é um espaço de tempo, de cerca de dois dias e duas noites, durante o qual se oferece a cada rapaz a oportunidade de se confrontar com a sua vida íntima e a própria situação familiar e social na Casa do Gaiato; como também com o aproveitamento conseguido ou desperdiçado das vantagens e conveniências que a Obra da Rua lhes faculta.

Conforme a idade e o talento chegam-se sempre ao fundo da questão: — Quem sou? Para que existo? Como estou a gerir a minha vida?

Analisam-se, naturalmente, com os conhecimentos da ciência, da experiência e da fé as dificuldades próprias de cada idade, iluminando-as para vencer aquelas e projectar um ideal forte e sedutor!

A misteriosa envolvimento humana de cada pessoa requer inevitavelmente a sua dimensão sobrenatural, fazendo com que o Retiro culmine com um acto religioso.

Fazer Retiro é sempre: escutar, observar-se e rezar.

Após cuidada limpeza e arranjos que periodicamente temos de fazer, o local não varia — a nossa Casa na Arrábida.

## Setúbal

O ambiente, apesar de familiar, não conta. «Um dos sítios mais belos do mundo!...» — como tenbo ouvido classificar a pessoas conhecedoras do estrangeiro.

Os rapazes, em Retiro, são libertos de todos os trabalhos e preocupações: cozinha, copa, refeitório, nada os sobrecarrega.

A própria intimidade consigo e com Deus, numa purificação das relações com os irmãos, é tarefa de cada um. Mais nada.

Para adaptação a temas, capacidades e camaradagem, dividimos os rapazes em três grandes grupos: maiores de 17 anos ou o 10.º ano escolar; rapazes dos 15 aos 17 anos; mais pré-adolescentes e adolescentes.

«*Como são felizes os gaiatos por terem Retiro!*... — exclamava, ao saber, um grande Amigo da Obra da Rua!... «*A maioria dos jovens nunca na vida gozaram um benefício destes!*»

Para participar, a regra não muda. É eterna! Nova e sempre actual como o Evangelho!: Todos são convidados. Vão os que querem.

«*Pôr-lhes a mesa, convidá-los ao banquete e... chorar se eles não quiserem vir.*»

Dos mais velhos, a maior parte rejeitou.

Os grandes ídolos actuais, o futebol, a moda, alguma libertinagem e..., sobretudo, os sonhos vão embalá-los instintivamente. Reflectir e rezar não atraí.

Mas vieram oito!... Nem que fosse só um!... Graças a Deus os oito fizeram Retiro a sério!... É preciso perseverar!... Dos mais novos estiveram vinte e oito. Dois recusaram, mas, depois, no serviço aos companheiros ainda comeram das sobras da Graça!...

Nos grupos de reflexão, à pergunta: — *Qual o acontecimento mais importante da tua vida?*, quase todos responderam e partilharam anonimamente ao serão: — *A vinda para a Casa do Gaiato!*... Foi um doce divino que muito me consolou!

### O nosso Lar sem Mãe é como uma circunferência sem centro

O meu Lar, em Setúbal, vai vivendo sem Mãe. São cerca de trinta rapazes!... E ao almoço, quarenta.

É como uma circunferência sem centro! Tudo fica desalinhado, desde o interior de cada rapaz até ao asseio e beleza da casa.

O chefe impõe disciplina. É capaz de consolar com uma palavra fraterna. Faz camaradagem. Pode, até, provisoriamente, substituir o Padre na sua ausência.

Não. Nunca faz as vezes de Mãe. Só uma mulher de fé adulta, doação e maturidade plenas e sobrenaturais poderá preencher o vazio que todos sofremos. O desafio está lançado e não se calará. Os rapazes aguardam ansiosos e eu também!...

Padre Acílio

# África

Continuação da página 1

anos ainda os não constituiu em independência autêntica e cujo fim não está à vista.

Estará, talvez, ainda que bastante ao longe, se o Mundo rico e poderoso que dá pelo nome de Norte e que há pouco mais de um século, em Berlim, traçou o mapa político de África conforme às suas riquezas, na premeditada e contumaz ignorância dos Povos que a habitavam — se o Norte, não sendo agora capaz de consumir melhor o seu arrependimento e a sua reparação, pusesse já os seus interesses de lado e esquecesse este Continente tão sofrido na colonização e nas descolonizações. Aberto o Norte ao Sul, sim, mas com a humildade de uma restituição devida por justiça, sem imposições, sem intromissões, sem segundos sentidos, deixando ao Sul a iniciativa dos apelos e uma grande liberdade no achamento da sua autoestima, na conquista da lucidez e serenidade necessárias à reformulação de Estados por Nações.

No meu recente regresso de Angola, com muita angústia, trouxe um luzeiro de esperança: «Nós, angolanos, devemos assumir a responsabilidade de solucionar os nossos próprios problemas». Isto está escrito num Manifesto para a Paz que «foi lido em Luanda, no dia 15 de Julho de 1999, pela jornalista Ana Faria na sede da União dos Escritores Angolanos e conta já (então!) com uma centena de assinaturas entre professores, estudantes, políticos, empresários, jornalistas, músicos, religiosos e outros». (Transcrevo do Jornal AGORA de 17/07/99).

Habitados a ignorar um Povo sobre o qual dois poderes, cada um em seu poleiro, discutem e se digladiam, ignorando também eles e oprimindo esse mesmo Povo de que se arvoram representantes e defensores, é tempo de o Mundo chegar à consideração deste Povo em que há mais quem pense e tenha vontade própria, que não apenas os porta-vozes do MPLA e da UNITA. É urgente é que os pensantes e voluntariosos cresçam em número e em convivência, em coragem de afirmar — mesmo que tal passe por muitos sacrifícios.

Este Manifesto constitui o documento mais positivo, mais sério de quantos conheço sobre o assunto. Tenciono divulgá-lo e reflecti-lo — o que não pode ser de uma só vez.

Na enunciação do objectivo, o Manifesto principia por uma questão fundamental que a vivência colonial adormeceu mas não apagou: a multiplicidade das etnias.

«O povo angolano, em geral, quer a paz duradoira, anseia a justiça social, a boa governação e o direito de cidadania, em respeito mútuo aos diversos povos e culturas que formam o projecto da Nação Angolana» (o sublinhado é nosso).

Eis uma posição realista, que de modo algum pode deixar de ser encarada em vista da Paz duradoira, da Justiça Social, do direito de cidadania que se pretende alcançar. A Nação Angolana, para o ser, tem de encontrar a forma, não certamente de fundir em uma só as diversas nações, mas de as harmonizar em convivência fraterna, o que exige uma base de «respeito mútuo», de reconhecimento e de aceitação da diversidade — o que era, afinal, relativamente fácil, e até pacífico, no estatuto colonial em que o arbítrio estava em mãos de um poder de fora e de cima, mas não o é agora, que a unidade tem de ser construída a partir da igualdade das partes por uma concertação sincera e equitativa entre elas da forma da

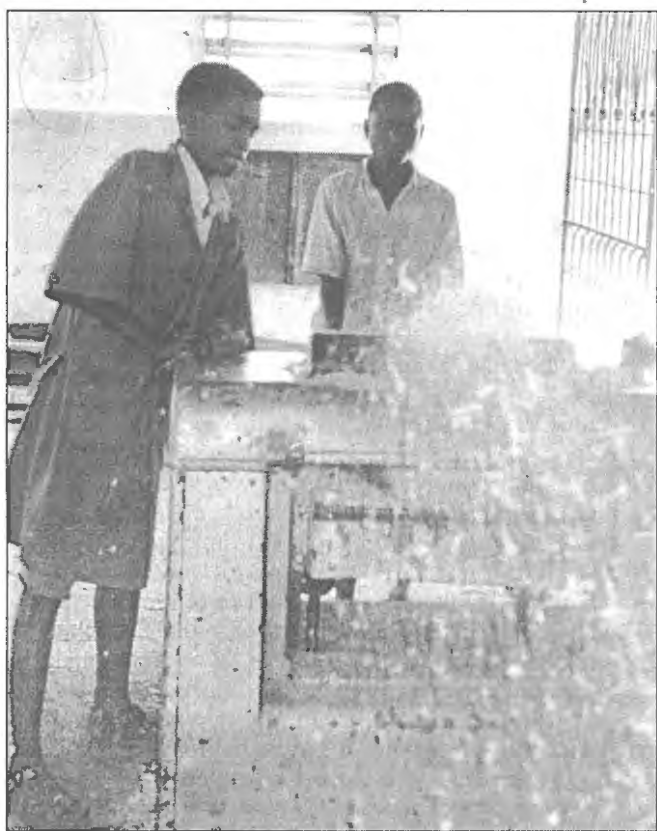
função arbitral. É algo como uma família unida na vivência dos pais, que se desconcerta depois de eles faltarem. Ou como um desafio em que o árbitro haja de ser escolhido entre elementos de uma e outra equipa — o que torna sempre mais difícil e menos credível a imparcialidade. Daí que a Nação Angolana, à partida, constitua um «projecto», tão sério, tão digno que não é possível sem verdadeiro «respeito mútuo» entre as partes.

«Esses são os fundamentos principais para a criação do entendimento comum entre os angolanos» — continua o Manifesto — «e que, a posteriori, criará as bases necessárias para a profunda revisão do conceito de Nação e de valorização do angolano, assim como a definição consensual de visão para Angola e o rumo que o país deve tomar em direcção ao futuro».

Eu nunca li nada de tão sério, nem tão conforme à natureza de uma realidade-problema em vias de solução, como o que aqui é expresso — e por angolanos!

E fico triste ao ler notícias de políticos que vão por lá arengar em dessurado estilo colonialista conceitos e pareceres que antes não proferissem... nem lá fossem!... que não vão lá fazer nada.

Padre Carlos



Benguela — Aprendizagem na carpintaria.

## BENGUELA

# Um verdadeiro despertar!

**T**UDO parece movimento, sem consistência. De vez em quando, sem dar conta, a tentação bate à porta e traz a sensação de estar a construir sobre a areia. As aflições das pessoas são de tal monta que parecem justificar todas as anomalias. Os marcos da estrada da vida já não se vêem. A consciência alterou-se. Daí, nasce a grande confusão de valores e contra-valores que rouba a confiança da base das relações entre as pessoas. É que, sem confiança, a vida torna-se muito complicada. Aqui e em qualquer parte do mundo.

É manhã de Domingo, agora. Ainda cedo, dois trabalhadores esperavam por mim, em busca de ajuda para o arranjo das suas habitações. Não lhes entreguei o dinheiro sem os acompanhar até às suas moradias. Vi e não hesitei. Receberam o que pediram. Ficaram contentes; e eu também. Já de regresso a Casa, ia meditando no bem que recebi desta visita, aparentemente sem importância. Não é na areia que estamos a construir. Há valores humanos encobertos e há que descobri-los e abraçá-los com muito carinho. Querem ter uma casa

(cubata) melhor, com divisões para a família toda? Pois vamos ajudar. É um valor humano. Quantos e quantos nem sequer têm este desejo! A miséria já entrou no cantinho mais profundo das pessoas. É um verdadeiro despertar! Ali mesmo, a dois passos, outro pede para ver o seu cubículo pequenino. Já tem os adobes e quando levantar as paredes prometeu vir «incomodar-me». Gosto e quero investir no essencial. Vamos pelos materiais acessíveis. As chapas de lusalite são inacessíveis, pelo seu custo, à bolsa do povo. Voltamos ao capim. É um passo para casas melhoradas, quando for possível. A inflação destrói por completo, neste momento, todas as capacidades do povo que tem vontade de viver com a cabeça erguida. Queremos ser para esta gente um sinal a falar dos valores humanos normais. Temos que caminhar com ela. É palavra corrente remar contra a maré.

Há dias, deu-se o contrário. Também faz parte da vida. Mais, é muito normal acontecer. Alguém veio muito aflito e cheio de paciência para esperar muito tempo, pedir comida e remédios para uma criança internada no hospital. Como tinha que sair para a cidade,

aproveitei para ir ver a doente. Após breve paragem pelo caminho, dei conta que o meu pedinte tinha desaparecido e não deixou rastros. Era mentira!

Olho para estas situações e, longe das lamentações, fico a pensar que as pessoas são mais vítimas do que réus. Nem por isso nos devemos demitir do nosso papel de sinais a apontar caminhos certos. É remar contra a maré. Temos o posto médico ao cuidado das Irmãs do Santíssimo Salvador. Ali vai gente de fora e de dentro. Se, de fora, e nada podem, trazem a receita e compramos os medicamentos. É um dos caminhos para acabarmos com as receitas falsas. Não viramos as costas, mas queremos, sim, apontar o caminho certo.

Todos estais convidados a participar do «banquete» para este povo anónimo e errante. São coxos, cegos, novos e velhos, crianças coladas aos peitos das mães. Estou a lembrar-me da parábola do Evangelho deste Domingo, em que muitos não aceitaram o convite para o banquete do Filho do Rei por causa dos seus interesses particulares. Sinto a vossa presença para o bem e a alegria de todos nós.

Padre Manuel António

# ENCONTROS em Lisboa

É assim

o nosso mundo...

**D**ESDE há nove anos que me habituei à sua presença assídua e discreta. Vinha, perguntava como estavam as coisas, como iam os rapazes, deixava a sua oferta e partia com a mesma simplicidade. Hoje, quem nos visita, vê, em nossa quinta, um grande rebanho de ovelhas, creio que ultrapassa as cinquenta. Recordo que esta senhora esteve ligada ao seu início, quando um belo dia decidiu telefonar a dizer-me que tinha lá umas ovelhas que gostaria de nos dar.

Há um ano atrás, tive a ocasião de conversar mais demoradamente com ela quando me veio fazer a seguinte proposta: — Vou fazer 70 anos. Tenho muitas graças a dar a Deus. Gostaria de reunir toda a minha família. Querida convidá-lo a celebrar a Eucaristia e

pedia-lhe que me deixasse cantar o Ave Maria.

Soube, então, que cantava muito bem e que durante anos esteve ligada à Academia de Santa Cecília.

Assim foi. O dia chegou. No meio de toda a família demos graças a Deus e, no fim da celebração, mais uma surpresa: Os convidados vieram todos entregar-me um envelope. Soube, então, que o convite era taxativo: — Não queria prendas e o dinheiro que pensassem gastar entregariam à Casa do Gaiato.

Passou um ano e fui surpreendido pela notícia da sua morte. Quis estar junto da família e concelebrar. Senti que muitas pessoas estavam marcadas pela sua vida e pela sua actividade. Mais uma vez, surpresa evangélica. Havia apenas um pequeno ramo de flores e fui informado, a seguir à celebração, que tinha sido seu desejo expresso que as pessoas dessem à Casa do Gaiato o que pensariam gastar em flores. Aqui, no

meu canto, e em nome dos rapazes que vivem comigo, um muito obrigado e um bem haja, com os olhos postos na Eternidade, onde Deus terá um sorriso misericordioso sobre esta nossa Amiga que deixa este testemunho.

É assim o nosso mundo. Às vezes, parece que tudo se passa nas grandes parangonas dos jornais, rádios e televisões, onde as desgraças abundam. Entretanto, existe este fermento, nascido do Evangelho, que vai levedando a massa e dando gosto à vida, silenciosamente, sem dar nas vistas, mas marcando profundamente o evoluir do nosso mundo. Quem está numa situação como a minha tem esta experiência. É como na vida dos Santos. Uns tornam-se conhecidos, outros só Deus os conhece, mas sem eles o nosso mundo ficaria muito pobre e sem sentido. Por todos estes testemunhos silenciosos demos graças a Deus.

Padre Manuel Cristóvão

## PENSAMENTO

Não te afastes do Pobre, nem na vida nem na morte!

PAI AMÉRICO